

Esperança após as cinzas

ANTHONY HALL*

O fogo incontrolável que atingiu Roraima provocou uma forte inquietação em toda a comunidade internacional e não apenas no Brasil. Os primeiros relatos sugerem que mais de 15% do território do estado foram atingidos pelas chamas, que também causaram danos nas vizinhas Venezuela e Guiana.

A inquietação tem razão de ser, pois os recursos naturais e a biodiversidade da região foram severamente afetados, ao mesmo tempo que a subsistência de centenas de fazendeiros e de habitantes da floresta ficou seriamente ameaçada. Trata-se de uma questão humanitária tanto quanto ambiental.

Imagens dramáticas dos campos sendo tomados pelas labaredas foram transmitidas pela televisão para todo o mundo, enquanto os escassos conhecimentos que se tem sobre a região davam ao público a falsa impressão de que era a floresta tropical primária que estava sendo destruída, quando na verdade o fogo se concentrou sobretudo nas áreas de savanas (cerrado). Ainda assim, o episódio tem sérias implicações que não devem ser ignoradas por políticos e governantes.

Os períodos de estiagem provocados pelo fenômeno El Niño passarão a ser cada vez mais frequentes na Amazônia. Da mesma forma que ocorreu nas florestas asiáticas, a Amazônia está se tornando mais vulnerável ao fogo, não somente em suas margens e nas áreas de fronteira mas

igualmente no interior da mata fechada.

Os entendimentos entre autoridades brasileiras e internacionais para montar ações de emergência com o objetivo de impedir o progresso do incêndio em Roraima acabaram ocorrendo muito tarde. Na verdade, muito mais efetivo do que as ações humanas foi o retorno das chuvas. E, diante das graves conseqüências ambientais e sociais que envolviam a questão, a improvisação que caracterizou as ações de combate ao incêndio foi inaceitável.

No passado foram feitas alertas sobre a possibilidade de a Amazônia se tornar mais vulnerável ao fogo. Os acontecimentos em Roraima confirmaram, antecipadamente, as suspeitas de que este problema ocorreria. E transformaram em um claro fenômeno o que era apenas um risco hipoteticamente vago.

As atuais ações de emergência terão que ser substituídas por um planejamento a longo prazo, que dê ênfase ao estudo climático da região e ao processamento de informações científicas, a fim de que futuras crises possam ser identificadas. Essas informações científicas não serão necessárias apenas para orientar a compra de equipamentos de alta performance para combate a incêndios, como helicópteros e aviões. O mais importante é que permitirão a adoção das medidas preventivas adequadas, tais como treinamento e campanhas educacionais no rádio e na televisão.

A mudança de rumo no planejamento do processo de desenvolvimento da Amazônia deve ser consistente. Do fim da dé-

cada passada para cá já houve significativos avanços na maneira de se entender o meio ambiente da Amazônia e criar políticas públicas adequadas. Nos anos 90 começou a ganhar espaço uma visão que contempla o desenvolvimento sustentável da região, o que fica evidenciado com a Política Nacional Integrada para a Amazônia e a Agenda 21. Esta nova concepção foi acompanhada por uma série de ações concretas que seriam inimagináveis há 20 anos.

O Programa Piloto para a Conservação da Floresta Tropical Brasileira, no valor de US\$ 250 milhões e que conta com o apoio do Grupo dos Sete (os sete países mais industrializados do planeta), contempla esta nova visão. O PPG-7, como é conhecido, ajuda o governo brasileiro a implementar atividades econômicas não destrutivas, voltadas para os pequenos produtores rurais, assim como investe em pesquisas científicas e controle ambiental.

Espera-se que as centelhas que deram início ao fogo em Roraima também possam ajudar a criar um conjunto de ações preventivas mais eficazes no combate a incêndios na Amazônia, bem como a reforçar os programas de desenvolvimento sustentável.

*Professor de Política Econômica e Social da London School of Economics and Political Science. Consultor do Banco Mundial para assuntos relacionados à Amazônia, escreveu *Amazônia sustentável - Ações de base para uma conservação produtiva (Sustaining Amazonia - Grassroots actions for Productive Conservation)*, editado pela Manchester University Press.

3/14/98